

Histórias de Galinheiro

Rubem Braga

OS galinheiros estão em foco. Um deles foi esvaziado por um ladrão de galinhas, que foi preso e confessou o furto. O juiz resolveu absolvê-lo. Francelino furtou porque precisava de dinheiro para comprar remédios para um filhinho, estava desempregado e alucinado com a situação. O juiz considerou o estado de necessidade e mandou o homem em paz.

Outro galinheiro não foi esvaziado, foi ocupado. Um Seu Magalhães requereu ao juiz reintegração de posse de um barraco em seu quintal onde deixara morar por caridade uma dona também portuguesa, e lavadeira. Dona Teresa não queria mais sair do barraco, pois não tem outro lugar para morar. Alegou isso, e alegou também que o barraco é, na verdade, um galinheiro, e não fôra cedido por nenhuma caridade e sim na base de um bom dinheirinho por mês. Seu Magalhães quis aumentar o aluguel e, como a lavadeira não concordasse, resolveu despejá-la. O juiz verificou que o barraco era, na verdade, um galinheiro e se negou a conceder desde logo o despejo.

Não são histórias muito finas, e não creio que nossos cronistas mundanos se interessem por elas, a menos que Dona Teresa resolva abrir as portas de sua mansão e oferecer um *hen-house-party* ou um *poulailler-surprise* em benefício de qualquer coisa.

São, porém, as primeiras histórias que topo em meu jornal da manhã, e como escrevo com pressa, não posso escolher muito. O melhor, aliás, é que eu não escreva mais nada; ambos os assuntos são ruins e sujeitos a piólho. Mas pobre, pobre miséria se vai fazendo esta nossa, que se refugia nos galinheiros, e antes de se fazer dramática, tem de se fazer ridícula! Jean Valjean, para matar a fome, roubou um pão, o que é simples e digno; nosso pobre Francelino, para salvar a vida ao filhinho, teve de «abafar penosas», o que é pitoresco e sujo; e Dona Teresa tem que defender perante a Justiça seu direito de morar... em um galinheiro.

É um direito novo, que a Constituição, ao que parece, não prevê. Convém tomar nota, para o caso de se fazer uma reforma, como se pensa.

DN - 19.8.67

337